



ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Gabriel Silva Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia

Email: gso.historia@gmail.com

Prof. Dr. José Eduardo Ferraz Clemente

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Email: joseeduardo.clemente@univasf.edu.br

Prof. Dr. Albano de Goes Souza

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Email: albano.goes@univasf.edu.br

RESUMO: O presente artigo se debruça como o ensino de História e os avanços tecnológicos podem se aliar para enriquecer ainda mais as metodologias utilizadas no âmbito escolar, contribuindo diretamente para a formação educacional e social do aluno contemporâneo. O objetivo deste trabalho é apresentar a disciplina de História como parte essencial na formação crítica dos sujeitos, desmistificando a ideia de que ela se restringe a memorização e reprodução de fatos históricos e datas importantes, apresentando a tecnologia com um recurso didático que auxiliará o professor no desenvolvimento de aulas menos “tradicionais”. A metodologia adotada apoia-se na revisão bibliográfica qualitativa, analisando de forma crítica, aspectos como: a necessidade do ensino de História; a utilização de outros materiais didáticos para além do livro didático; o impacto da inclusão digital nos seguimentos da vida cotidiana e a mediação entre professor, aluno e a tecnologia. Por fim, mas não menos importante, o artigo cita os desafios enfrentados pelos professores, especialmente no que diz respeito à falta de infraestrutura escolar e a importância da formação continuada. Em síntese, esta pesquisa evidencia a importância de utilizarmos da tecnologia, que está ao alcance de todos (ou quase), para tornar o ensino de História mais dinâmico, inclusivo, didático e participativo, facilitando a construção da autonomia, criticidade e cidadania do aluno.

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; Tecnologias Educacionais.

ABSTRACT: his article examines how the teaching of History and technological advancements can work together to further enrich the methodologies used in the school environment, directly contributing to the educational and social development of contemporary students. The purpose of this work is to present the discipline of History as an essential component in the critical formation of individuals, demystifying the idea that it is limited to the memorization and reproduction of historical facts and important dates, while introducing technology as a didactic resource to support teachers in developing less “traditional” lessons. The adopted methodology is based on a qualitative literature review, critically analyzing aspects such as: the necessity of History education; the use of instructional materials beyond textbooks; the impact of digital inclusion on everyday life; and the mediation between teacher, student, and technology. Finally, but no less importantly, the article addresses the challenges faced by teachers, especially regarding the lack of school infrastructure and the importance of continuous professional development. In summary, this research highlights the importance of leveraging technology, which is within reach of all (or almost all), to make the teaching of History more dynamic, inclusive, didactic, and participatory, thereby fostering students’ autonomy, critical thinking, and citizenship.

Keywords: Education; History Teaching; Educational Technologies.

CITE ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Gabriel Silva; CLEMENTE, José Eduardo Ferraz; SOUZA, Albano de Goes. Ensino de HISTÓRIA e Tecnologias: uma reflexão teórica. Revista Internacional de Ensino e Educação (RIEE), Salvador (Ba), v. 01, n. 01, p. 3-16, jan/jun. 2025. Semestral. Disponível em: <https://riee.com.br>. Acesso em: XX de XXXXXX. 2025.



INTRODUÇÃO

O ensino de História tem se transformado com a incorporação de tecnologias digitais, ampliando as possibilidades de abordagem dos conteúdos e de engajamento dos alunos. Dispositivos digitais como simuladores, jogos digitais e recursos de realidade aumentada permitem recriar cenários históricos e oferecer uma experiência imersiva, tornando o aprendizado mais dinâmico e interativo. Além disso, as plataformas interativas possibilitam o acesso a fontes primárias e secundárias, ampliando a análise crítica de documentos históricos de forma colaborativa e em tempo real.

Na última década, estudos (Dorneles Junior, 2024); (Freitas e Pereira, 2021); (Araújo, 2018); (Lopes e Vas, 2016); (Oliveira, 2014) têm explorado a relação entre o ensino de História e o uso de tecnologias, destacando como esses dispositivos digitais impactam o aprendizado e a didática na sala de aula, apontando que o uso de tecnologias digitais, como plataformas de e-learning, aplicativos interativos e jogos educativos, favorece a construção de uma aprendizagem mais ativa e contextualizada, permitindo que os alunos participem de maneira crítica na análise de eventos históricos.

O objetivo deste trabalho é evidenciar a disciplina de História como parte essencial na formação crítica dos sujeitos, desmistificando a ideia de que ela se restringe a memorização e reprodução de fatos históricos e datas importantes, apresentando a tecnologia com um recurso didático que auxiliará o professor no desenvolvimento de aulas menos “tradicionais”, tornando o ensino de História mais dinâmico, inclusivo, didático e participativo, facilitando a construção da autonomia, criticidade e cidadania do aluno. A metodologia utilizada para a construção desse trabalho é a análise bibliográfica.

A metodologia escolhida, segue uma abordagem qualitativa, ou seja, utilizamos da revisão bibliográfica (de trabalhos existentes) que apontam temáticas como: educação, ensino de História e a incorporação de tecnologias no contexto educacional. De acordo com Gil (2002), a utilização da pesquisa qualitativa é adequada para trabalhos que visam analisar e debater fenômenos socioculturais complexos, afinal, neste processo metodológico é possível explorar com primazia as experiências e vivências dos sujeitos, sejam elas pessoais ou coletivas. Por isso recorremos a esta metodologia, já que ela se alinha diretamente ao objetivo do artigo. Deste modo, procuramos ressaltar não só a importância do ensino de História, mas também a efervescência das transformações e utilização da tecnologia dentro do contexto escolar.

Corroborando com as afirmações feitas por Gil (2002), Marconi e Lakatos (2017) entendem a revisão bibliográfica como uma técnica fundamental na consolidação e sistematização de conhecimentos existentes, isso ocorre porque essa metodologia oferece uma base sólida para a análise e interpretação de novos dados. Sendo assim, destacamos que para a escrita deste trabalho foram levantadas obras relevantes sobre educação, ensino de História e o uso da tecnologia. Para abranger as inúmeras dimensões do tema, a revisão bibliográfica foi conduzida em sites acadêmicos, periódicos, revistas eletrônicas e repositórios universitários, inserindo palavras-chave, tais como “educação contemporânea”, “ensino de História”, “tecnologias no ensino” e “pedagogia digital”.



A relação entre o ensino de História e as tecnologias digitais não é apenas uma questão de facilitar o acesso ao conhecimento, mas de repensar as formas de mediação do saber histórico. Em um mundo hiper conectado, no qual a circulação de informações ocorre de maneira instantânea e global, a formação crítica dos estudantes torna-se cada vez mais relevante. O uso de recursos tecnológicos possibilita a construção de cenários interativos e imersivos, em que os alunos não apenas aprendem fatos históricos, mas desenvolvem uma compreensão mais ampla das múltiplas narrativas que compõem o passado (COSTA, 2015).

Entretanto, o uso de tecnologias no ensino de História também apresenta desafios. As disparidades no acesso às tecnologias, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social, podem acentuar desigualdades educacionais. Além disso, a falta de formação adequada por parte dos professores para o uso dessas ferramentas pode limitar seu potencial.

Diante disso, a motivação para este estudo vem compreensão sobre as demandas por inovações para ensino de História, especialmente diante dos desafios impostos pelas tecnologias digitais. Este entendimento, ocasionou a participação, como discente, na Especialização em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias ofertada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Por fim, o presente artigo se debruça como a tecnologia podem ofertar condições para que os professores aprimorem o ensino de História. Para tanto, a reflexão teórica apresentada nas seções seguintes oferecerá um panorama das contribuições acadêmicas, com especial atenção às inovações metodológicas e às críticas referentes ao uso das tecnologias digitais no ensino de História.

ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIA: O QUE DIZEM ESTUDOS PUBLICADOS

Em paralelo ao avanço das transformações tecnológicas e o incessante processo de globalização, nossa sociedade tornou-se cada vez mais consumista, contribuindo para que produtos ganhassem o rótulo de “ultrapassado” de forma rápida, influenciando diretamente na aquisição de novos produtos e/ou recursos. É nesse contexto, em uma sociedade globalizada e tecnológica, que o papel dos historiadores e dos professores de História adquire uma relevância. Sobre o contato direto que exercemos sob os múltiplos recursos tecnológicos, Rosa e Rosa (2016, p. 2), entendem que:

O mundo atual é repleto de tecnologias, e muitas vezes elas assumem um caráter transparente, pois as utilizamos de forma automática, como se fizessem parte de nós. Em nosso cotidiano, utilizamos inúmeros aparelhos tecnológicos e dificilmente paramos para pensar no quanto dependemos deles. [...]. Simplesmente os utilizamos de forma automática.

Por mais que as tecnologias digitais estejam enraizadas em nosso cotidiano (de forma intrínseca), de acordo com Ivanilson Costa (2014), elas não são recursos exclusivos da contemporanei-



dade, afinal, estão disponíveis ao homem desde os primórdios, no período em que os seres humanos passaram a desenhar nas paredes das cavernas. Entretanto, “foi ao longo da história que os recursos tecnológicos [...] foram se aperfeiçoando em diversos segmentos sociais em vários locais” (COSTA, 2014, p.25), afinal, todo o processo do surgimento e aprimoramento da tecnologia faz parte da evolução do ser humano e da história (Pellegrini, Dias e Grinberg, 2016).

O avanço e utilização da tecnologia não se limitou apenas ao meio habitacional, alimentício ou de locomoção, é possível percebê-lo também dentro do contexto escolar, uma percepção que data, antes mesmo, da “democratização” e facilidade no acesso a computadores, *tablets*, *smartphones* e até mesmo as redes sociais.

As tecnologias educacionais estão presentes nas salas de aula há anos, considerando que muitos professores já utilizavam televisão, filmes, projeções ou banners. A presença das TICs ampliou a gama de elementos disponíveis para enriquecer o trabalho do professor (PELLEGRINI, DIAS e GRINBERG, 2016, p. 315).

Pensar o ensino da História no contexto tecnológico é entender que essa disciplina não se restringe apenas a fatos antigos organizados de forma cronológica e datas importantes, a História vai além, busca entender as constantes modificações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. Ou seja, todas estas transformações contribuem diretamente para os estudos históricos, sendo impossível desvencilhar-se delas.

Nos dias atuais, ensinar História, não é uma tarefa fácil, seja pelo contexto político, social e econômico, tal qual estamos inseridos, ou por estarmos imersos em um mundo virtual, logo, passamos a aprender e absorver o que “aconteceu” por meio de notícias da internet ou da televisão. De acordo com Circe Bittencourt (2008), a proximidade e o convívio constante com as múltiplas informações advindas das notícias televisionadas, têm “obrigado” professores a utilizarem estas informações como parte integrante dos conteúdos ministrados em sala. Todavia, destaca que mesmo as informações não provocando as mesmas reações nos sujeitos, nossas crianças e jovens pertencem agora a uma “cultura da imagem”, o que pode “desafiar”, mesmo que involuntariamente, uma cultura letrada.

Bittencourt (2008), não restringe a sua análise apenas para a absorção de informações televisionadas, mas entende que os novos suportes eletrônicos (computadores, *smartphones* e *tablets*) tendem a concorrerem com as antigas formas de produzir/consumir informações escritas.

Diante disso, surge um questionamento: como é possível ensinar e aprender História se muitos alunos não são adeptos da leitura/escrita, não problematizam/questionam e muito menos conseguem interpretar de forma crítica os fatos que marcaram a História?

É neste contexto que os professores de História adentram, afinal, eles necessitam criar mecanismos para que os discentes enxerguem as tecnologias com um propósito educacional, fugindo da banalidade e dos perigos que elas podem oferecer, quando usada de forma irresponsável. Consequentemente, as tecnologias passam a ser mais uma metodologia do educador, visto que “as



mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais e pelos computadores são inevitáveis, pois geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades de entender o mundo” (Bittencourt, 2008, p. 108).

Seguindo pela perspectiva do “bombardeio” de informações que chegam até nós, através de notícias da televisão e da internet, quase sempre essas notícias chegam de forma “genérica”, com frases sintéticas e imagens fragmentadas. Por consequência, a pessoa é “influenciada” a identificar aqueles acontecimentos como verídicos e muitas vezes inquestionáveis, assim, passam a explicar os fatos do presente com base nele mesmo, sem nenhuma problematização.

Logo, os indivíduos começam a utilizar o conceito do “presentismo” para explicar as experiências que estão ocorrendo, isso pode ocasionar numa destruição/perda do passado, afetando negativamente as experiências históricas que serão transmitidas para as novas gerações.

Diante disso, Hobsbawm (1995, p. 13) destaca:

A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca [...]. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores.

A destruição do passado pode resultar negativamente na vida dos sujeitos, visto que a alienação, quando não “combatida”, pode acarretar diversos fatores problemáticos. Com isso, o professor de História é o personagem principal para que haja um entendimento de que o passado ainda hoje se perdura no presente e é fundamental para a construção da nossa visão social, política e até mesmo identitária. Portanto, para entender o que somos é preciso conhecer o que fomos e, o diálogo com outras temporalidades aumenta ainda mais essa discussão. Para que isso ocorra de forma favorável é preciso que o professor de História, tal como a disciplina, esteja presente em um lugar de protagonismo.

Por outro lado, analisar o ensino de História é entender que ele não deve ficar restrito ao livro didático, ou a apresentação de narrativas históricas tradicionalistas pré-definidas, mas, há outras maneiras para que esse processo ocorra de forma mais dinâmica, democrática e inclusiva. Sobre a necessidade de pensar a História sob outro viés, em um panorama menos centrado em temáticas pré-definidas (pelo livro didático) é necessário estabelecer uma conexão entre variados campos de conhecimento, havendo assim uma interdisciplinaridade (Vieira, 2022).

Dentro deste contexto, não só o uso da tecnologia, mas outros recursos didáticos necessitam ser utilizados, ou seja, durante o processo de ensino da História, também “[...] é necessário que se reconheça o ativismo dos estudantes no processo de ensino/aprendizagem, de maneira que



reflitam sobre sua condição de sujeito nos mais diversos aspectos da sociedade contemporânea” (VIERA, 2022, p. 14).

Possibilitar as vivências e experiências dos alunos para as aulas de História é primordial, pois, este fato, contribui diretamente para a dinamicidade do ensino. Entretanto, Vieira (2022) considera que reconhecer o estudante como protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, implica ao professor (facilitador da aprendizagem), enfrentar constantes desafios, sobretudo no que diz respeito a incorporação de metodologias e maneiras da aplicabilidade do ensino de História, afinal, esse ensino deve valorizar, legitimar, incentivar e potencializar não só a ação do estudante enquanto sujeito histórico, mas também os recursos didáticos (como as tecnologias) incorporados às aulas.

Por isso, o estudo da História (de forma dinâmica) é tão importante, pois, ele não só ajuda o aluno a processar um “grande volume de informações históricas”, que, posteriormente, será convertida em conhecimento, mas também apresenta ao aluno novas formas de se aprender, “fugindo” do tradicionalismo (que por vezes esteve associado a disciplina) e correlacionando as suas experiências pessoais ou coletivas, com as temáticas trabalhadas em sala.

Bittencourt (2008) entende que os professores devem considerar, no contexto educacional, a representação social do aluno. Para a autora o ponto fundamental que deve ser avaliado é a identificação de conhecimentos adquiridos não só pela experiência de vida, mas também por outros recursos (incluindo os tecnológicos) que estão solidamente enraizados na vida dos alunos. Isso ocorre [...] “porque são uma construção pela qual o jovem ou a criança se apropriam do real, tornando-o inteligível. Mas a representação social ultrapassa essa atividade de conhecimento prático e preenche igualmente uma função de comunicação” (BITTENCOURT, 2008, p. 236).

Por fim, o professor de História tem por obrigação definir dentro de sua disciplina um sistema onde todos possam se sentir abraçados e envoltos na aula, sempre buscando a união e participação da turma, fazendo como que não ocorra “segregação”, mas sim acolhimento e construção do pensamento crítico e cidadão de forma gradativa e conjunta. Seguindo ainda está premissa, adentramos na temática fundamental deste estudo, ou seja, a utilização de recursos digitais dentro da aula de História. Será que é possível desenvolver uma aula da disciplina saindo do eixo “copia e cola”? É possível aprender os fatos históricos usando o livro e outros recursos digitais? Será que o professor pode utilizar metodologias tecnológicas para enriquecer a sua aula? Sim! É possível ensinar História sob uma perspectiva tecnológica.

CAMINHOS PARA ENSINO DA HISTÓRIA UTILIZANDO TECNOLOGIAS

Em quase dois séculos de existência, a escola secundária construiu uma tradição em relação ao ensino da História e aos conteúdos que a compõem. Essa tradição inclui a criação de documentos legais, formação de professores, produção de materiais didáticos e produção historiográfica (Abud, 2007). Todos esses elementos estão assentados no contexto em que se desenvolve a



prática escolar. A interação entre esses elementos que são vistos na escola é essencial para entender que o ensino de História vai além da simplificação didática dos conteúdos, conectando os componentes do saber escolar.

Os professores de História têm desenvolvido novas metodologias de ensino, saindo do meio tradicionalista e utilizando diferentes ferramentas para compartilhar conhecimento aos alunos. Estes docentes se baseiam em novas estratégias educacionais, ou passam a reformular as tradicionais, sempre visando um ensino e aprendizagem, didático, proveitoso e inclusivo. Logo, cada educador aplica um método diferente para cada circunstância ou espaço tal qual está inserido, sempre visando motivar e direcionar crianças e jovens ao conhecimento.

Atualmente há uma discussão bastante pertinente e necessária sobre as novas formas de se estudar e ensinar História. Sabemos que a educação ainda está pautada em uma vertente tradicionalista, principalmente quando nos referimos as aulas de História. Muitas são as adversidades que os professores encontram, principalmente quando estes lecionam em escolas públicas ou em localidades remotas, dificultando o acesso a recursos para contribuir no processo de ensino. Dito isso, devemos ter em mente que a escolha dos materiais didáticos, utilizados em sala de aula pelo professor, é uma questão política, tornando-se “[...] um ponto estratégico que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno” (BITTENCOURT, 2008, p. 298).

A falta desse material não deve ser um fator limitador do processo de ensino e aprendizagem, pois, a carência de recursos tecnológicos não devem ser “desculpa” para um determinado conteúdo não ser ensinado. Ao mesmo tempo em que o material didático é um instrumento de trabalho do professor, é igualmente do seu discente; dessa forma, faz-se necessário que os educadores reflitam quais são os materiais didáticos que estão à sua disposição e como eles podem ser consultados e incorporados às aulas (Bittencourt, 2008);

Por conta das inúmeras dificuldades e circunstâncias que o professor enfrenta, muitas vezes o livro didático é o seu melhor aliado nessa jornada. Logo, não devemos fechar os olhos e criticar tal prática, pois o mesmo, quando usado de forma correta é aliado e não um vilão. Mas existe uma forma correta de manipular o livro de história? Sim! O docente deve utilizar o livro didático como uma base para suas discussões e não como material reprodutivista e memorizador. Deste modo, o livro deve ser mais um agente/ferramenta que contribua para a formação do sujeito crítico e pensante.

Bittencourt (2008), enfatiza que muitas problemáticas podem cercar o debate sobre a utilização (ou não) do livro didático, porém, a principal crítica em torno desse material aponta principalmente para as múltiplas deficiências de conteúdo, a não representatividade de minorias, erros conceituais e algumas lacunas em informações. Um professor capaz de identificar inconsistências, existentes nos livros, também é capaz de preparar uma aula sanando essas deficiências.



Todavia, entendemos que essas limitações do livro didático, também se origina ainda no processo de análise e escolha do material. Contudo, “para que o livro didático possa desempenhar um papel mais efetivo no processo educativo, como um dos instrumentos de trabalho de professores e alunos, torna-se necessário entendê-lo em todas as suas dimensões e complexidade” (BITTENCOURT, 2008, p. 301).

Novas tecnologias podem ser utilizadas para ensinar e aprender História, ou seja, elas podem ou não estar atreladas ao livro didático, pois, permitem realizar um estudo dirigido sobre determinado assunto, navegar em sites arqueológicos e museus, bem como fazer pesquisas mais amplas.

De acordo com José Moran (2015), em escolas com poucos recursos é possível desenvolver projetos significativos que alinhem não só as experiências dos estudantes, mas também as necessidades da comunidade. Para o autor, ter uma infraestrutura e equipamentos é fundamental para ampliar ainda mais as oportunidades nos recursos didáticos, todavia, enfatiza que muitos professores conseguem executar atividades estimulantes em ambientes com pouca tecnologia.

A fotografia e a produção de pequenos documentários podem colaborar nesse processo, pois os alunos aprenderão a importância da preservação do patrimônio material e imaterial. Outro recurso que pode ser introduzido nas aulas de História é a criação de *podcasts* (e perfis no Instagram) voltados para a disseminação de fatos históricos e até mesmo confecções de maquetes e HQs, seja retratando temas históricos, da atualidade ou até mesmo uma correlação entre fatos históricos e vivências pessoais.

Para Moran (2015, p. 23),

Um bom professor pode enriquecer materiais prontos com metodologias ativas: pesquisa, aula invertida, integração sala de aula e atividades online, projetos integradores e jogos. De qualquer forma esses modelos precisam também evoluir para incorporar propostas mais centradas no aluno, na colaboração e personalização.

A didática utilizada nesse processo vai além de definir um bom e mau professor, ela deve ser a base que permite a transição e captação do ensino e aprendizagem, transformando a educação em algo inclusivo, quebrando a parede existente entre a figura do professor hegemônico e o aluno reprimido. Uma boa didática está inserida na arte de ensinar, fazendo com que este processo de ensino seja mais do que mediações pré-definidas existentes em longas e cansativas leituras do livro didático. Com isso, o professor deve criar possibilidades e estratégias que contemplem todos os alunos, seja com o livro didático ou com outras ferramentas. Assim, haverá a construção de um conhecimento inclusivo e não segregacionista.



Desta maneira, de acordo com José Moran (2007), o conhecimento não deve ser imposto ao aluno, mas sim construído. O autor entende que um dos principais desafios do processo educacional é desenvolver durante anos, no discente, a motivação, a inquietação e o desejo por aprender. Assim,

O gosto vem do desejo de conhecer e da facilidade em fazê-lo. A facilidade depende do domínio técnico da leitura, da escrita, da capacidade de análise, comparação, síntese, organização de idéias e sua aplicação. Não há gosto sem a facilidade que vem com a prática e o domínio. Não há motivação se esse gosto não foi desenvolvido constantemente, se não foi criado num clima de estímulo, de liberdade, de orientação positiva. Numa escola autoritária, pode haver domínio técnico, mas é muito difícil despertar a curiosidade, o gosto por aprender (MORAN, 2007, p. 43).

Além de “compartilhador” do conhecimento, o professor de História deve ser um agente de mudança e transformação. Ou seja, sua aula deve sair do eixo tecnicista e tradicionalista e abranger outras áreas da vida do aluno. Logo, os educadores que buscam aprimorar sua didática e metodologia, passando a entender a realidade sociocultural dos seus discentes, tendem a ter melhores experiências dentro e fora da sala de aula.

A aula de História deve ser uma ponte entre o passado e presente, porém não pautada apenas na memorização de fatos históricos e datas importantes, mas sim contextualizando com o presente (e o futuro), abrindo janelas de entendimento e conhecimento que vão além dos livros didáticos, formando indivíduos políticos, pensantes e críticos.

Portanto, uma aula mais leve e livre de tanta teoria, torna-se mais fluida e mais fácil de absorção, excluindo esse mito que História é uma disciplina “cansativa e tediosa”. Inúmeras são as novas tecnologias que podem colaborar com as aulas, porém, o docente precisa colocar-se como um agente que auxiliará o discente a manusear esses recursos eletrônicos, dentro do contexto educacional, afinal, a supervisão será fundamental para o bom andamento das aulas

Tirar o foco das tecnologias, como um lugar apenas de entretenimento e colocando elas como mais um recurso didático, não é uma tarefa fácil, mas faz-se necessário. Uma vez que, em uma sociedade tecnológica desassociar-se desses recursos é quase impossível, logo, é melhor aliar-se a eles.

Para Moran (2007) existem fatores que irão contribuir para a construção do conhecimento. Assim, para a consolidação desse processo é preciso construir um ambiente repleto de estímulo, colaboração, até mesmo uma competição saudável. O caminho até o conhecimento não é fácil, conseqüentemente, “o professor não pode ‘conhecer’ pelo aluno; pode informá-lo, ajudá-lo, aprender com ele, mas quem desenvolve níveis mais superficiais ou profundos de conhecimento é cada pessoa” (MORAN, 2007, p. 43). Em suma, nesse contexto há uma junção de conhecimento, onde aluno e professor aprendem juntos.



Mesmo entendendo as limitações que há na educação (sejam elas financeiras, culturais, sociais ou pedagógicas), devemos ter consciência que a participação ativa de pais, professores e gestores é crucial no processo formativo do aluno. Contudo, como professores de História, preocupados em formar cidadãos que transformam, participam e constroem uma sociedade igualitária, devemos exercer nossa função com dupla responsabilidade, pois, para Moran (2015), a função do professor é de orientador e curador. Curador porque ele deve apoiar, acolher, aconselhar e cuidar de cada um, sem fazer distinção. Orientador porque ele não só orienta, mas inspira e sana qualquer inquietação que possa surgir na classe, nos grupos ou em cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos muito se tem debatido sobre como aprender e ensinar História. Seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, a discussão permeia as mesmas questões. Todavia, após o desenvolvimento deste texto, relacionando as contribuições bibliográficas com nossas experiências pessoais, percebemos que o ensino de História é parte essencial na formação dos sujeitos. Não há como negar a necessidade dessa disciplina dentro dos currículos, muito menos devemos categorizá-la em um simples lugar de memorização e reprodução, o seu papel vai muito além de apresentar datas importantes e fatos históricos.

No processo de ensino e aprendizado podem ocorrer limitações, sobretudo no tocante a incorporação/utilização de recursos tecnológicos, em escolas públicas. Entretanto, essas adversidades podem ser contestadas/contornadas por profissionais capacitados, que entendem a necessidade dos aparelhos eletrônicos para diversas áreas da sociedade contemporânea, mas sabem que o processo educacional não pode ficar refém deles. Ou seja, utilizando ou não a tecnologia, o ensino precisa acontecer.

Não estamos afirmando que a falta de recursos eletrônicos acaba limitando a aula do professor (pois existem múltiplos recursos didáticos que podem ser incorporados), muito menos estamos colocando a tecnologia como “vilã”, porém, entendemos que em uma sociedade extremamente tecnológica é impossível o âmbito educacional “isolar-se em muralhas” e tratar a tecnologia como inexistente. A tecnologia já faz parte da nossa vida, mas, precisamos entender que a incorporação e utilização desses recursos precisa acontecer com cautela e segurança.

Além do mais, como professores, necessitamos estar abertos ao diálogo e a compreensão de que nem todos os discentes têm ou sabem utilizar a tecnologia para fins didáticos. E assim surge uma nova questão: o professor precisa capacitar-se para aprender utilizar a tecnologia como recurso didático bem como precisa ser um agente conscientizador para o seu educando, mostrando que aquele recurso será utilizado em sala para adquirir conhecimento. Essas tarefas podem parecer simples, porém na prática elas não são fáceis.



O Estado por sua vez, deveria assegurar que todas as unidades escolares tenham acesso a recursos tecnológicos de última geração, garantindo assim, que alunos vulneráveis economicamente, também estejam incluídos em um ensino tecnológico. Usar a tecnologia como um recurso didático não deve estar associada a uma prática excludente, mas sim dinâmica, democrática e igualitária.

Entendemos que muitas são as questões, deficiências, inconsistências e necessidades que o docente irá encontrar na sua longa e brilhante trajetória no ambiente escolar, mas também compreendemos que ao escolher essa profissão nós somos incumbidos de cuidar, ensinar, transformar e construir um aluno capaz de desenvolver e perceber que o mundo e a sociedade tal qual ele vive está envolto de histórias, memórias, vivências e constante evolução. Os professores irão ajudar na construção de pontes, possibilitando na sua formação como cidadão, porém, o trajeto também contará com a participação dos discentes, afinal, o conhecimento não é restritivo.

Sabemos que a universidade desempenha um papel muito importante para a nossa construção pessoal e profissional, mas é “submergindo” no ambiente escolar que entendemos e vivenciamos as falhas e deficiências que envolve o sistema educacional. Todavia, também é nesse espaço que “aprendemos” a ser professores e, por mais que haja limitações nessa jornada, é em sala de aula, ensinando e utilizando das mais diversas metodologias, que descobriremos qual caminho devemos percorrer e qual professor queremos ser. Em ambos os processos somos direcionados e orientados, mas cada contexto escolar é distinto e dinâmico, trabalhar a História sob um viés tecnológico irá criar novas possibilidades de integração entre os alunos da contemporaneidades com fatos históricos e acontecimentos da atualidade.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula.** // Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001641071>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ARAÚJO, R. V. **O uso de redes sociais como prática no ensino de história.** Jamaxi, v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1721>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Ensino Médio Inovador.** Brasília: MEC/SEB, 2014.

COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, César; MONEREO, C.



Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed.

COSTA, M. A. F. **Tecnologia, temporalidade e história digital:** interpelações ao historiador e ao professor de história. Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 8, n. 2, p. 155–163, 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4428>. Acesso em: 01 ago. 2025. DOI: 10.18224/mos.v8i2.4428.

COSTA, I. **Novas tecnologias e aprendizagem.** -2ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

DORNELES JÚNIOR, E. Novos horizontes no ensino de história: adesafios, tecnologias e a criação de um mooc. 2024. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ensino de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Rs, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/31943>. Acesso em: 01 ago. 2025.

FONSECA, S. G. **“Como nos tornamos professores de história”.** In: **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas, SP: Papirus, 2003. p.59-87.

_____. **Caminhos da história ensinada.** Campinas (SP): Papirus, 1993. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. **Didática e Prática de Ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. Campinas (SP): Papirus, 2003. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FONSECA, T. N. L. **História & Ensino de História.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, I. P. T. D. de; PEREIRA, N. C. N. Ensino de História: o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da aprendizagem histórica. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–16, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4947>. Acesso em: 01 ago. 2025.

GATTI, B. G. A. **O professor e a avaliação em sala de aula.** Estudos em Avaliação Educacional, n. 2, jan-jun/2003.

GIACAGLIA, G. E. O.; ADUB, M. J. M. **Desenvolvimento de projetos educacionais na sala de aula.** Taubaté (SP): Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.



GONÇALVES, M. O. ; SILVA, V. Sala de aula compartilhada na licenciatura em matemática: relato de prática. *In*. BACICH, L. ; MORAN, J. (Org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. – Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

IMBERNÓN, F. Formação de professores e políticas educacionais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 22, p. 1-18, 2024.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2 ed Campinas, SP: Papirus, 2007.

LOPES , C. G. ; VAS, B. B. O ensino de história na palma da mão: o whatsapp como ferramenta pedagógica para além da sala de aula. *Anais CIET:Horizonte*, São Carlos-SP, v. 3, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/2104>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MACHADO, M. B. P. ; MONTEIRO, K. M. N. Patrimônio, identidade e cidadania: Reflexões sobre Educação patrimonial. *In*: BARROSO, Vera Lucia Maciel (org.) **Ensino de história: desafios contemporâneos** / org. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2010. p.25-37.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, J. S. **O trabalho com projetos de pesquisa: do Ensino Fundamental ao Ensino Médio**. Campinas (SP): Papirus, 2001.

MENEZES, A. C. ; ARAÚJO, L. M. Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. *In*: Caderno Multidisciplinar – Educação e Contexto do Semi-Árido Brasileiro: **Currículo, Contextualização e Complexidade: elementos para se pensar a escola no Semi-Árido**. V.1 – Juazeiro/BA: Selo Editorial RESAB, 2007. p. 33-47. Disponível:< <https://irpaa.org/wp-content/uploads/2025/02/artigo-lucin-ana-celia.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. [Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.



NEMI, A. L. L. ; MARTINS, J. C. **Didática de história: o tempo vivido: uma outra história?** São Paulo: FTD, 1996.

OLIVEIRA, E. C. L. Implicações do uso de mídias e de novas tecnologias no ensino de História. Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/view/48317>. Acesso em 01 ago. 2025.

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

PELLEGRINI, M. C. ; DIAS, A. M. **#Contato História.** 1ª ed. – São Paulo: Quinteto Editorial, 2016.

ROSA, Á. B. ; ROSA, C. T. W. O paradigma da tecnologia na sociedade contemporânea. **Revista Thema.** nº 13, 2016. P. 2-4.

VIEIRA, E. S. **Para além do livro didático: a educação da cultura visual como estratégia de leitura das imagens da escravidão no ensino de História.** f.118, 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – UFMA), Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2022.